

# Humanidades em questão

Abordagens e discussões



*Reitor*

Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

*Vice-Reitor*

Pe. Álvaro Mendonça Pimentel SJ

*Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos*

Prof. José Ricardo Bergmann

*Vice-Reitor para Assuntos Administrativos*

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

*Vice-Reitor para Assuntos Comunitários*

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

*Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento*

Prof. Sergio Bruni

*Decanos*

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Luiz Alencar Reis da Silva Mello (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

ORGANIZAÇÃO

Júlio Cesar Valladão Diniz

Karl Erik Schøllhammer

# Humanidades em questão

Abordagens e discussões



© **Editora PUC-Rio**

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Casa da Editora PUC-Rio

Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22453-900

Telefones: (21) 3527-1760/1838

www.puc-rio.br/editorapucRio

edpucRio@puc-rio.br

*Comitê gestor*

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Júlio Cesar Valladão Diniz, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Luiz Alencar Reis da Silva Mello, Luiz Roberto A. Cunha e Sergio Bruni.

*Projeto de capa*

Regina Ferraz

*Projeto gráfico e editoração do miolo*

SBNigri Artes e Textos Ltda.

*Revisão de texto*

Débora Fleck

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

---

Humanidades em questão: abordagens e discussões / Júlio Cesar Valladão Diniz e Karl Erik Shøllhammer (orgs.). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2018.

236 p.; 23 cm

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-8006-254-0

1. Humanidades. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Diniz, Júlio César Valladão. II. Shøllhammer, Karl Erik.

CDD: 001.3

---

Elaborado por Lizandra Toscano dos Santos – CRB-7/6915

Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio

# Sumário

---

---

<b>Prefácio</b>	<b>7</b>
Júlio Cesar Valladão Diniz e Karl Erik Schøllhammer	
<b>A história não é feita de tradições. O estudo é pura e explosiva sobrevivência</b>	<b>15</b>
Raúl Antelo	
<b>Aceleração histórica e crise das humanidades</b>	<b>27</b>
Rodrigo Turin	
<b>Discutindo a máquina acadêmica</b>	<b>43</b>
Fabio Akcelrud Durão e Tauan Fernandes Tinti	
<b>Humanidades digitais e mídias digitais</b>	<b>61</b>
Roberto Simanowski	
<b>Estilos de pesquisa e engajamento extra-acadêmico de pesquisadores em humanidades</b>	<b>75</b>
Jonas Grønvdad e Lasse Gøhler Johansson	
<b>A criação de mercados educacionais por meio de acordos comerciais globais</b>	<b>99</b>
Susan L. Robertson	
<b>Entre arte e ciência, o desafio</b>	<b>123</b>
Eneida Maria de Souza	
<b>Importância e lugar da filosofia na era tecnológica</b>	<b>131</b>
Edgar Lyra	
<b>A dissidência e as ciências humanas críticas</b>	<b>149</b>
Luiz Fernando Valente	

<b>Pensando de forma abstrata, construindo objetos do pensamento e criticando abstrações errôneas: cultura e culturalismo</b>	<b>163</b>
Frederik Stjernfelt	
<b>Teologia: uma ciência humana?</b>	
<b>(Uma discussão no Átrio dos Gentios)</b>	<b>181</b>
Maria Clara Lucchetti Bingemer	
<b>Escansão computacional de estruturas métricas de versificação em Os sertões, de Euclides da Cunha</b>	<b>195</b>
Ricardo Carvalho, Angelo Loula e João Queiroz	
<b>Conhecimento e agir ético: o que você faz com os resultados de sua pesquisa?</b>	<b>207</b>
Sonia Kramer	
<b>Mapeando as humanidades na Universidade Nova: o caso da Universidade Federal do ABC</b>	<b>221</b>
Gerardo Silva	
<b>Sobre os autores</b>	<b>231</b>

# Prefácio

---

---

Júlio Cesar Valladão Diniz  
Karl Erik Schøllhammer

Pode-se constatar que as humanidades não ocupam hoje um lugar estratégico nas discussões no âmbito das políticas públicas para o ensino e a pesquisa, nas prioridades das fundações de fomento para a ciência e a tecnologia, e em outras iniciativas para o desenvolvimento dos ambientes de pesquisa nas universidades brasileiras. No ensino básico, médio e superior, as disciplinas das humanidades e das ciências sociais têm sofrido cortes, apesar de um reconhecimento geral e abstrato de sua importância para a formação da cidadania plena. Poucos estudos investigativos dedicam-se à compreensão pormenorizada das premissas epistemológicas e das tendências inovadoras no desenvolvimento das pesquisas nas humanidades, e os impactos e resultados reais muitas vezes não são reconhecidos.

O livro *Humanidades em questão: abordagens e discussões* é o primeiro resultado dos trabalhos realizados dentro de um projeto mais amplo, cujo objetivo é estudar e cartografar as redes acadêmicas e sociais da pesquisa nas humanidades e suas tendências contemporâneas.

O projeto visa a criar colaboração multi e transdisciplinar com a finalidade de produzir evidências e dados que aumentem a compreensão do valor e da importância das humanidades na sociedade. Assim, sua finalidade é compreender o impacto real e efetivo das humanidades, em um leque amplo de áreas sociais, abarcando a mídia e a cultura, em um extremo, e os negócios e as ações públicas, em outro. O objetivo maior é ampliar o discurso público e avançar no desenvolvimento das políticas e das práticas de pesquisa, de maneira que maximize o uso e o aproveitamento das humanidades na sociedade.

Dessa maneira, o projeto *Mapeando as dinâmicas das humanidades no Brasil*, ao qual este livro está ligado, pretende:

- Construir um campo de metapesquisa e catalisar novas pesquisas para auxiliar no desenvolvimento da compreensão científica e social das humanidades.
- Buscar fundamentos que suportem novos saberes e a capacidade para apoiar o desenvolvimento de pesquisa de alta qualidade internacional em humanidades.
- Facilitar a compreensão de como as humanidades influenciam a sociedade de maneira mais ampla e examinar as oportunidades e os obstáculos para a disseminação e a colaboração transdisciplinar.
- Capturar e analisar as cadeias não lineares de causalidade, de maneira que as humanidades criem impacto na sociedade, incluindo o desenvolvimento de novas métricas de impacto que reflitam a natureza dinâmica e a interdependência complexa entre as humanidades e a sociedade.

O livro traz os resultados imediatos do Seminário Internacional concebido e realizado pelo Decanato de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em setembro de 2017, no *campus* da universidade, e pode ser lido como o primeiro passo nesse projeto que dá prosseguimento a uma colaboração efetiva de três anos com instituições de pesquisa dinamarquesas voltadas ao tema. O projeto terá sua continuidade na elaboração e na aplicação de um questionário detalhado, bem como na realização de entrevistas com pesquisadores ativos nos estados de Rio de Janeiro e de Minas Gerais, ações que visam a oferecer fundamento empírico e exemplar da realidade das humanidades no Brasil.

Para Raúl Antelo, professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no capítulo “A história não é feita de tradições. O estudo é pura e explosiva sobrevivência”, o debate sobre as humanidades inicia-se no enfrentamento epistêmico dos conceitos de “estudo” e de “pesquisa”, aprofundado a partir do pensamento de Giorgio Agamben e da procura de um terceiro caminho entre a teoria francesa e a alemã, as duas vertentes predominantes na crítica das humanidades à modernidade. Antelo seguirá pela tangente existencial do *estudo*, valorizando a dimensão individual da aventura que, ao neutralizar a oposição entre as disciplinas exatas e humanas, preserva o afeto, o choque e o estupor do contingente, do negativo e da intempestiva na tematização constante do fracasso da modernização. Assim, procura oferecer um ponto de partida para pensar o potencial da sobrevivência pós-histórica na situação dramática das universidades estaduais e federais brasileiras.

Também é o tempo histórico, ou melhor, o tempo da história que é abordado pelo professor Rodrigo Turin, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

(UNIRIO), que, no capítulo “Aceleração histórica e crise das humanidades”, discute certos efeitos que a aceleração vivenciada pela sociedade contemporânea tem produzido na inserção e na legitimação social das humanidades. Para isso, oferece uma discussão sobre a aceleração como fenômeno histórico, delimitando as principais características que a conformaram na rede semântica moderna, assim como as mutações que esse fenômeno vem sofrendo e que se expressam em novos vocábulos hegemônicos da modernidade tardia. É a partir dessa discussão que o autor tematiza o processo de esvaziamento dos pressupostos que orientavam a inserção das humanidades no sistema de ensino, vinculando-as a concepções de temporalidade e de subjetividade específicas, assim como para as formas atuais de organização e mensuração que regem as atividades de pesquisa e de ensino, informadas pelas novas expectativas de uma sociedade hiperacelerada. A discussão sinaliza, ao final, de que modo as políticas e as lutas em torno do lugar das humanidades na sociedade também devem ser entendidas como “políticas do tempo”.

Em “Discutindo a máquina acadêmica”, Fabio Akcelrud Durão e Tauan Fernandes Tinti oferecem algumas considerações sobre a maquinaria acadêmica, concebida como uma infraestrutura intelectual que não apenas suporta, mas também, em certa medida, ajuda a moldar o conteúdo e a forma daquilo que se pensa. Sugerem, em seguida, entender a linha de pesquisa como um elemento particularmente importante na mediação entre a pesquisa propriamente dita e sua inserção institucional, revelando uma série de aspectos que emergem desse enfoque.

Entre as inovações disciplinares que ofereceram alguma esperança para as humanidades, destacam-se as humanidades digitais, debatidas por Roberto Simanowski em “Humanidades digitais e mídias digitais”, em que expõe seu mito fundador e debate suas promessas e perigos. Sem se esquivar do chamado “lado negro das humanidades digitais”, Simanowski pondera também sobre o lado positivo das humanidades digitais e investiga como fenômenos tais como “leitura a distância” e “crítica algorítmica” são capazes de inspirar novos caminhos de pesquisa por contraporem postulados teóricos a dados empíricos. No entanto, o autor considera a tentativa de humanistas digitais de se aproximarem das ciências exatas tão problemática quanto seu apelo a “criticar o mantra da crítica” e defende a tese de que as humanidades digitais devem não apenas fazer uso das novas tecnologias para tratar de velhas questões, mas também servir como espaço de reflexão acerca da força transformadora das novas tecnologias para a academia e a sociedade.

Existe alguma característica epistemológica que define as humanidades? Interrogam os pesquisadores Jonas Grønvdal e Lasse Gøhler Johansson, em “Estilos de pesquisa e engajamento extra-acadêmico de pesquisadores em humanidades”, a partir da famosa distinção de Wilhelm Dilthey, de 1883, que ancorava as humanidades na atividade de *interpretar*, em contraste com a *explicação*, que definia as ciências naturais. Abrindo mão dessa distinção, o capítulo propõe privilegiar o conceito de *estilo* ao *estudo* da prática científica. O estilo de pesquisa ganha uma sensibilidade empírica, que permite observar *de que formas e até que ponto* os principais campos da ciência e suas subdisciplinas divergem e convergem. A ideia subjacente é a de que não há uma característica única que divide as humanidades e as ciências; pelo contrário, elas são diferenciadas por um conjunto complexo de percepções e práticas que, juntas, compõem um *estilo de pesquisa*. Retomando o conceito de Ludwik Fleck, em diálogo com Emile Durkheim e Karl Mannheim, os autores identificam, primeiramente, o estilo de pesquisa que constitui o campo das humanidades para, a seguir, correlacionar os indicadores de diferentes estilos de pesquisa com seu engajamento extra-acadêmico.

Quais são os complexos processos em operação na criação de mercados globais de educação? Interroga Susan L. Robertson, no capítulo “A criação de mercados educacionais por meio de acordos comerciais globais”. O texto analisa as negociações e os acordos de comércio global que incluem setores educacionais como serviços potencialmente comercializáveis e com base no trabalho de Jens Beckert e outros. O foco são os microprocessos da criação de ordens capitalistas e os desafios em questão, ao trazer setores como a educação. Esses processos oferecem narrativas alternativas à ideia de educação como serviço público e reformatam a educação para a linguagem do comércio e dos documentos jurídicos. A autora argumenta, finalmente, que a circulação contínua de narrativas alternativas sobre a educação torna a instituição da educação particularmente desafiadora, de modo que o futuro para os investidores ainda não se tornou certo, apesar dos esforços para reorientar suas expectativas.

Uma das características do trabalho da crítica e da literatura nos dias atuais é a prática de um “saber de segunda mão” e afeito à bricolagem, observa Eneida Maria de Souza, pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no capítulo “Entre arte e ciência, o desafio”. Preservados os limites da propriedade artística, mas incorporando à criação os acontecimentos inesperados e a improvisação, é possível considerar, segundo ela, que a categoria do novo reveste-se de outras dimensões, menos vanguardistas e mais ligadas à releitura da tradição. No domínio científico, a objetividade e a originalidade pretendidas pelo saber moderno cedem lugar à troca

transdisciplinar, ao enfraquecimento do poder autoral e à valorização da subjetividade e do trabalho coletivo.

A maneira pela qual o advento de tecnologias que colocam em questão as próprias noções de ser humano e de sociedade, tal como até hoje pensadas, afeta a prática das humanidades. É o que interessa ao professor da PUC-Rio Edgar Lyra no texto “Importância e lugar da filosofia na era tecnológica”. O professor Lyra recapitula as linhas gerais de um esforço pessoal e iminentemente político que, há mais de 15 anos em curso, pensa e convida a pensar a presente hegemonia tecnológica na perspectiva da educação e da pesquisa nas humanidades.

A partir da disciplina literatura comparada e da preocupação do autor com a leitura e a interpretação de textos, o professor Luiz Fernando Valente, da Brown University, aborda, no capítulo “A dissidência e as ciências humanas críticas”, a crise das humanidades por meio de um diálogo com Edward Said, Alan Sinfield, Gaytri C. Spivak e outros críticos e teóricos da literatura, propondo que uma posição intelectual de permanente *dissidência* é uma condição *sine qua non* para a prática das humanidades no mundo contemporâneo.

No texto “Pensando de forma abstrata, construindo objetos do pensamento e criticando abstrações errôneas: cultura e culturalismo”, Frederik Stjernfelt coloca em debate o uso de abstrações e de conceitos gerais nas humanidades, partindo da observação de que as abstrações nas ciências humanas não têm ocupado posição central na filosofia recente da ciência. Aliás, muitos acadêmicos das humanidades podem considerar que não usam nenhum tipo de abstração e preferem deixar tal procedimento para as ciências naturais. Com frequência, muitos intérpretes da distinção neokantiana entre ciências “nomotéticas” e “idiográficas” têm presumido tal divisão do trabalho. As ciências nomotéticas estabelecem leis; as ideográficas, ocorrências singulares. No entanto, o capítulo argumenta que a abstração é central para qualquer ciência, e até mesmo o fenômeno mais singular não pode ser descrito a não ser pelo uso de predicados gerais. Isso, todavia, não implica dizer que todas as abstrações são igualmente válidas ou que têm o mesmo *fundamentum in re* na realidade. Stjernfelt defende que o uso de conceitos abstratos é fundamental para as humanidades e toma a noção contestada de “cultura” como exemplo de uma guerra quanto à interpretação de uma abstração.

É a teologia uma ciência humana? Pergunta Maria Clara Bingemer, abrindo o que chama de uma discussão no “Átrio dos Gentios”. Segundo ela, no capítulo “Teologia: uma ciência humana? (Uma discussão no Átrio dos Gentios)”, as humanidades podem ser descritas como o estudo de como as pessoas processam e documentam a

experiência humana. Desde que os seres humanos sentiram-se capacitados para tal, começaram a construir reflexões e discursos que se transformaram em ciências e que hoje são conhecidos como filosofia, literatura, religião, arte, música. Nesse texto, a pesquisadora e professora da PUC-Rio procura deter-se sobre uma das ciências que formam o plantel das humanidades: a teologia. Conhecida como ciência sacra, a teologia sempre foi uma ciência humana, já que seu instrumental de reflexão e sua linguagem derivam da experiência que o ser humano realiza diante da Transcendência, nomeada de Deus e entendida como Palavra Revelada dirigida ao ouvido humano.

A crise das humanidades tem provocado e incentivado novos experimentos metodológicos, de maneira inter e transdisciplinar, entre os campos das humanidades e das outras ciências tecnológicas. Os autores Ricardo Carvalho, Angelo Loula e João Queiroz oferecem no texto “Escansão computacional de estruturas métricas de versificação em *Os sertões*, de Euclides da Cunha” o exemplo de uma ferramenta computacional dedicada à análise de padrões estruturais fônicos, em diversas escalas de observação, na prosa literária de língua portuguesa. MIVES (*Mining Verse Structure*) foi desenvolvido para escandir computacionalmente estruturas métricas de versificação em prosa. Sem precedentes nos estudos literários e na linguística computacional, o sistema baseia-se no que o poeta Augusto de Campos chamou “leitura versoespectral” de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. MIVES identificou mais de 4 mil estruturas de versificação, entre decassílabos e dodecassílabos, uma densidade surpreendente de estruturas nessa obra.

De um ponto de vista da prática educadora, Sonia Kramer reivindica, no capítulo “Conhecimento e agir ético: o que você faz com os resultados de sua pesquisa?”, um debate necessário da relação frequentemente conflituosa entre pesquisa e demandas institucionais e burocráticas. O texto está estruturado em dois tempos. O primeiro explicita o ponto de vista da autora sobre educação e pesquisa em educação e focaliza, no âmbito das humanidades, questões éticas da pesquisa com crianças, a partir de conceitos de Martin Buber, Walter Benjamin e de autores da sociologia da infância. O segundo trata de conflitos entre instituições e pesquisadores no momento de entrada no trabalho de campo e ao sair dele. Diante de práticas burocráticas exigidas pelas instituições relativas à “ética”, o texto indaga: Afinal, onde estamos? O que estamos fazendo com nosso conhecimento? O que fazemos com os resultados de nossas pesquisas? As reflexões circulam ora entre a ética dos pesquisadores e os obstáculos das instituições, ora entre demandas e necessidades das instituições e os limites dos pesquisadores.

O livro termina com um depoimento do professor Gerardo Silva, no texto “Mapeando as humanidades na Universidade Nova: o caso da Universidade Federal do ABC”, sobre a experiência de um novo modelo de universidade, implementado durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), a partir do caso da UFABC. Desde sua implementação, como parte do processo de expansão e requalificação do ensino universitário no Brasil, o projeto da Universidade Nova teve como um de seus pilares a formação interdisciplinar e humanística dos alunos, sobretudo nos Bacharelados Interdisciplinares (BIs). No caso da UFABC, as humanidades desenvolveram-se em posição minoritária com relação aos conteúdos tecnológicos, dando-se preferência aos preceitos das ciências sociais aplicadas. O autor procura abordar o lugar das humanidades na proposta pedagógica de um novo modelo universitário de acordo com essa circunstância.